

Restolho

Memória do Esquecimento

Porquê essa mania muito humana de configurar o real à semelhança da mente? A mente deve adaptar, afinal é esse o segredo da evolução, da realização de dias melhores, no tempo, no vento, na circunstância. Quando o homem tenta moldar a realidade, social, cultural, à sua mente, pode ter consequências nefastas, avassaladoras, a ecologia já mostrou isso, como mostrou Guattari (*Ecology of Mind*) mas também Filipe Duarte Santos (*Que Futuro?*). Mas sim, a partir da Revolução Industrial, mas já antes, com as antigas civilizações, o propósito do homem, da mente humana, desde arquitetos a matemáticos, filósofos e artistas, foi no sentido de molda a realidade à imagem, a realidade real e a realidade social...

Da esquerda à direita, tudo conflui para a explosão do mundo, mais, a implosão do mundo, por excesso de tensão, como no submarino que foi ver como andava o Titanic no fundo do mar. Já repararam como quase todos os atores, em quase todos os filmes, estão tensos? Sim, nervosos interiormente, com picuinhas de formigueiro? Ultimamente, repararam? A democratização do dinheiro trouxe o cálculo, nunca os estudos sociais tiveram tão fulgor, apesar de não aparecer nenhum sociólogo ou antropólogo (académico, digamos), na televisão, a explicar tudo isto...cobardia?...Não sei....espero bem que não....mas talvez as pessoas estejam mais satisfeitas com elas mesmas, falo da sociedade portuguesa, a urbana e a rural, objeto dos meus estudos e investigações há mais de trinta anos.

Nunca tanto o corpo, por outro lado, se aproximou tanto do perigo, do físico, do transcendental, meditativo, extático. Desde os carros, onde reina o perigo, umas das mais fortes causas de morte em Portugal, até ao tabaco, alcoolismo e drogas. Tudo se celebra, desde a saída à entrada de casa, vale tudo para ser feliz, até pisar o parceiro, alternando de um registo comunitário a um outro liberal. A própria intimidade se modificou, como mostra uma tradução de Rosa Perez do livro de Anthony Giddens, *As Transformações da Intimidade*. Novas sociabilidades, pois então, novas solidões, novos ritos e cumplicidade. Nunca, na verdade, fomos tão felizes, porque sabemos que ela está entre a festa e o levantar o corpo do chão da cama...

Além da teoria, além de tudo o mais, façam para que o grego lá fique na baliza, dificilmente, em minha opinião, virá outro melhor. Olha o Ederson, estive pouco mais do que um ano e logo deu o salto para Inglaterra, onde se deu a Revolução Industrial, onde o ritmo social do mundo da vida é alheio ao nosso, mas só em certo sentido, porque por cá temos outros condimentos que nos fazem sorrir de outra maneira. E, lembrando Luís Aleluia, via Raúl Solnado, “façam o favor de serem felizes!”...

Victor Mota